

Não apaguem a
Memória!
movimento cívico

Boletim Noticioso

Penso & Digo

Nº 7 – 4 Fev. 07



Centro da Memória de Oradour (França)

O espaço histórico e museológico que em Oradour recorda o massacre de 10 de Junho de 1944 foi objecto de grandes trabalhos de remodelação durante o ano passado e foi reaberto no passado 31 de Janeiro, com uma exposição dedicada a Anne Franck.

O projecto nasceu em 1992, por iniciativa do Conselho Geral de Haute-Vienne, uma autoridade regional, e foi inaugurado a 12 de Maio de 1999. Tinha um carácter fundamentalmente memorialista, pelo menos na sua forma inicial, mas com programas didácticos e de reconstituição histórica particularmente interessantes, o que aliado a uma arquitectura de interiores que joga com o simbolismo do branco e negro, fez dele um lugar muito visitado. De acordo com os números oficiais, nos primeiros dez anos o Centro acolheu “mais de 300 mil pessoas”.

A história desta aldeia mártir, situada no sudoeste francês, realça a barbárie da ocupação nazi, que além da perseguição anti-semita, no que contou com a colaboração das autoridades policiais francesas, se comportou como uma horda de assassinos para com as populações que suspeitava poderem apoiar a resistência.

Em Fevereiro de 1944 um corpo do exército alemão fixa acampamento em Souges (Bordéus), com o objectivo de proceder a uma operação de cerco e aniquilamento dos *maquis* da resistência, escondidos na Maciço Central. As ordens da operação são frias e precisas. Por cada soldado alemão morto, deviam ser executados três franceses.

A 8 de Junho, uma divisão da Waffen SS toma posição em torno de Tulle e Limoges e no dia seguinte sofre um ataque da resistência. Em atitude de represália foram enforcados 99 homens em Tulle e, deportados para os campos de

Muito riso, pouco siso

O caso principiou com uma bojarada infame, sobre ditos *lobbies* fascista, comunista e judaico, tudo misturado em escarro, de uma boçalidade repelente, assinada por J. M. Costa, que vá lá saber-se porquê, uma frequentadora do tod@s achou que tinha piada divulgar. Achou mal. Depois de algumas explicações o caso pareceu encerrado.

Ilusão. Virou-se a página, mas desta vez para a asneira. Recuperou-se um texto de 20 de Janeiro, para dar azo à desgraça.

Se têm outra opinião, façam o favor de ler o que escreveram durante esta semana, acerca de um concurso sobre as grandes figuras nacionais, desde o tempo dos afonsinos, que a RTP tem em cartaz. É p'ra eleger a maior, tal qual a espada do Fundador, que na nossa escola do Estado Novo se dizia ter dez metros e pesar cem kg!

Convém esclarecer que os textos só foram expurgados das repetições e corrigidos os erros de ortografia.

Deliciem-se a recordar

20 jan 07

Caros amigos

Como é do vosso conhecimento a RTP promove um concurso de variedades com o nome dos "Grandes Portugueses". Na lista dos mais votados está António Salazar. Em França e na Alemanha, similares concursos não tiveram Hitler e Pétain como gente elegível. Em Portugal, a memória do fascismo foi rapidamente apagada e substituída pelas virtudes do poder tecnocrático, pobrezinho, mas honrado. Parece-me grave que Salazar possa ganhar, mesmo um concurso cretino. Estou certo que o âmbito da associação transcende os edifícios e pretende meter-se na luta política sobre a história, por isso, cá fica o alerta (...)

No concurso dos "Grandes Portugueses", promovido pela RTP, gosto de Pessoa e de Camões. Afinal, estamos num país de políticos muito pequenos. Simpatizo com Aristides Sousa Mendes, mas vou votar em Álvaro Cunhal. Não é voto útil contra Salazar, é convicção. Estou farto de meias tintas, de gente sem coragem, nem inteligência. O concurso serve para pouca coisa, mas numa sociedade que se rendeu à injustiça, pode lembrar gente que, numa altura em que muitos preferiram dobrar a cerviz, disse: "não". Álvaro Cunhal ajudou-nos a conquistar a liberdade. Enganou-se (enganou-nos) sobre a União Soviética, mas não renegou as promessas da Revolução de Outubro. Foi prisioneiro de muitos dos sonhos do Século XX, mas nunca deixou de acreditar que era possível vivermos num mundo melhor. Muito desse Século está preso nesta dialéctica sangrenta. Nas palavras do poeta Ossip Mandelstam, "para arrancar o Século à sua prisão, para começar um mundo novo" era preciso fazer "correr o sangue das

concentração, outros 149 residentes. A decisão de riscar do mapa Oradour é assumida nesse dia, em colaboração com a milícia fascista de Limoges.

O cerco fez-se ao cair da tarde de 10 de Junho. Os homens foram separados das mulheres e crianças e enviados para lugares previamente referenciados, onde foram abatidos a tiro. Segue-se uma operação de perseguição pelas ruas da aldeia, em busca de foragidos. As casas são incendiadas. As mulheres e as crianças conduzidas para a igreja, que é destruída com explosivos. A concluir, os cadáveres foram empilhados e queimados ou deitados em fossas comuns.



Imagem da rua da mercearia, antes da razia



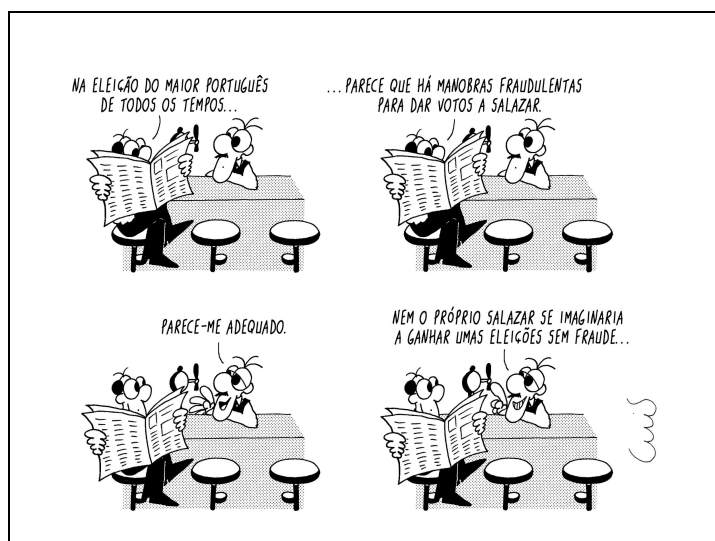
O que ficou da mercearia Mercier

Ao longo do tempo, a pequena aldeia foi ressuscitando e recuperou a sua antiga cor local, feita de pequenas comunidades, campos floridos e árvores encorpadas. A recordação do martírio ficou assinalada por 20 placas luminosas, incrustadas no chão, contendo mensagens de paz e de reflexão sobre a natureza humana.

Como esta do escritor Vladimir Jankélévitch, in *L'imprescriptible* (Ed. du Seuil): “Os deportados, os massacrados, só nos têm a nós para pensar neles. Os mortos dependem inteiramente da nossa fidelidade”.

www.oradour.org - www.oradour-souviens-toi.com

O concurso das “Grandes Figuras”



vértebras de duas épocas”. Num debate de Cunhal com alunos da Faculdade de Direito de Lisboa, houve quem lhe perguntasse se achava que a sua vida tinha valido a pena, depois da queda da União Soviética. O dirigente comunista respondeu, contando uma história de um homem revoltado da antiga Grécia, a quem os Deuses tinham castigado com inúmeras desgraças, que tinha atirado uma flecha aos céus contra a adversidade. A flecha subiu, subiu e quando caiu vinha com sangue. Sangue dos Deuses.”

Abraço, Nuno Ramos de Almeida

Boa tarde Nuno

Estou plenamente de acordo contigo apesar de não ter vindo a acompanhar esse concurso, mas o teu alerta tem o meu apoio, para além de acompanhar a conclusão que tiras.

Ainda vamos a tempo e portanto devíamos desenvolver uma iniciativa que ajude a dar dignidade à decisão deste concurso, que quando nele ouvi falar, senti (não sei bem porquê) que podia conduzir à hipótese que colocas, ou seja de ser uma figura tenebrosa, como a de Salazar, a aparecer como o grande português da nossa história.

Tenho a certeza que alguns estão a tratar para que essa seja mais que uma hipótese. Veja-se quem no programa apareceu a defender a figura do Salazar: Jaime Nogueira Pinto.

Disponho-me a agir nesse sentido. Penso que o Movimento pode dar uma ajuda, mais que não seja, empenharmo-nos a fazer uns telefonemas, pois penso que essa é a forma de votar. Mas seria bom que mais possam opinar sobre isto. Para que a memória não seja apagada....

Vítor Sarmento

29 jan 07

Para mim, dadas as circunstâncias, e para tentar que esta coisa não recaia sobre o Salazar (...), só vejo uma alternativa:

Concentrar os votos no Álvaro Cunhal.

Abraços

António Caleço

Também para mim o principal é que o Salazar não saia vencedor e apesar de tudo ser muito discutível (...) a verdade é que estamos confrontados com 10 personagens, das quais sairá um vencedor. E será publicitado como o maior português. Reconheço que existem movimentações em vários sentidos. Mas apesar de todas as vicissitudes (objectivas e subjectivas), já votei e votei [*sic*]em Álvaro Cunhal. Mas o que quero salientar é a necessidade de votarem para que o tenebroso Salazar não saia vencedor deste concurso.

Vítor Sarmento

Caros amigos:

O programa da RTP que aqui tem sido objecto de discussão reflecte o conflito insanável entre o falecido fascismo português e o seu actual fantasma:

contado pelo Luís Afonso

e visto à maneira de Bordallo



pelo Zé Dalmeida.

Crónica de António Brotas*

O professor Edmundo Curvelo

Eu tive um fabuloso professor de Filosofia. Foi o professor Edmundo Curvelo, no Colégio Militar, em 1946, por ocasião de uma muito curiosa experiência que vale a pena recordar. Havia, na altura, no então chamado ensino liceal, um exame no 6º ano (10º ano de escolaridade). O Ministério da Educação resolveu passar este exame para o 5º ano, mas não o quis fazer sem antes realizar uma experiência pedagógica. Ou porque lhe era difícil fazê-la numa escola dependente do Ministério, ou porque, simplesmente, a não sabia fazer, combinou com o Ministério da Guerra (antecessor do actual Ministério da Defesa) que a experiência fosse feita no Colégio Militar que dele dependia. O Ministério da Guerra, que não estava propriamente vocacionado para fazer experiências pedagógicas do ensino secundário, deu liberdade total aos professores do Colégio Militar para escolherem as disciplinas com os conteúdos, programas, métodos de avaliação e exames que muito bem entendessem. É assim que eu não tenho o curso do liceu, mas sim o curso do Colégio Militar, reconhecido como equivalente pelo Ministério da Educação.



O professor Edmundo Curvelo já tinha sido meu professor de História, disciplina em que não tinha adoptado nenhum livro. Em vez disso, convenceu o Director a abrir aos alunos a biblioteca do Colégio Militar onde até à data não tinham acesso. Também não seguiu, que eu tenha notado, qualquer programa. Distribuía-nos temas que preparávamos e, depois, éramos nós que dávamos as aulas (nalguns casos em francês). A Filosofia ensinada no Liceu tinha, na altura, quatro componentes: a Psicologia, a Lógica, a Estética e a

o poder de sedução dos tiranos e a mentalidade dos seus órfãos; o mito e a ignorância que o alimenta; as mentes socialmente sãs e as mentes politicamente perturbadas; a solidariedade humanista e o ódio traumático.

Outra realidade, filha da primeira, é a incapacidade intelectual ou a perversidade disfarçada daqueles que decidiram importar esta ideia. Antes de mais porque o que faz o programa não é o formato, válido, mas o conteúdo. Este é ou não perverso conforme o contexto geográfico-político em que se implementa. (...) Para bem ou para mal, como alguém disse, "aqueles que enterraram os machados de guerra sabem onde os enterraram"! Ou, como outro disse, "deixem que as condições políticas reapareçam e não faltarão aqueles que se oferecem para servir a ditadura em todos os escalões".

Quanto ao que fazer, agora, parece-me que o pior será valorizar o programa, enfatizar o significado político apologético das figuras destacadas. O resultado das votações, pela sua ambiguidade ou ilegibilidade, não reflecte nenhuma opção ideológica, mas pode mostrar a falta de informação ou a desinformação que os órgãos dominantes da comunicação social difundem da História, e isso pode ser sublinhado. Mas também a mentalidade socialmente irresponsável ou cúmplice de quem dirige a programação da RTP. (...)

António Marques Pinto(ex-realizador da RTP)

Concordo que será um erro valorizar este programa e entrar na competição como se de uma coisa séria se tratasse

Martins Guerreiro

Meus amigos,

Concordo inteiramente com esta mensagem do Zé Nuno [sobre a necessidade de quem entra na rede se auto-responsabilizar pelo que escreve], e venho sugerir, a TODOS, entre os quais me incluo, que tenhamos um pouco de bom-senso e alguma calma, de forma a não atear rastilhos que levem a situações-limite que em nada beneficiam o nosso Movimento.

Também eu me indignei com as palavras do e-mail da Guadalupe [o tal dos *lobbies*] e, confesso, até as acho incoerentes e inadequadas com o perfil daquela nossa companheira. Tenho tendência a pensar que a própria deve ter recebido aquela mensagem de alguém e, sem ponderar muito, a tenho enviado quase automaticamente.

Por tudo isso, estou convencida que esta nossa companheira irá, como sugere o Zé Nuno, fazer um pedido de desculpa a todos.

Um abraço

Júlia Coutinho

Daniel [Blaufuks]:

Peço imensa desculpa pelo e-mail. Na realidade fiz um *forward* automático sem ler bem o conteúdo. Eu sei que não tem desculpa, mas, de facto, não reflecti

Ética/Moral. Quando o professor Curvelo viu que não tinha de preparar os seus alunos para o exame oficial do 7º ano, pôs imediatamente de lado a Estética e a Ética. Não falou do nome de nenhum antigo filósofo e interessou-se, sobretudo, pela Psicologia, em que só nos falou de duas coisas: das sensações e a da memória. Ensinou-nos a olhar para as nossas sensações e para a nossa memória e apaixonou-nos. E, como estava encarregue de organizar o Laboratório de Psicotecnologia do Colégio Militar, responsabilizou um aluno por cada aparelho de medida.

Passados todos estes anos, se escrevo artigos sobre a Educação é porque tive como professor o professor Edmundo Curvelo. As minhas reflexões pedagógicas e "filosóficas" são muitas vezes "diálogos" que imagino com ele, em que faço perguntas e tento imaginar como responderia. Por exemplo: eu digo: " Com a minha experiência de professor e lembrando-me das suas aulas, acho que o ensino da Filosofia, no início, só deve ter três componentes: as sensações, a memória e a inteligência, em que os jovens sejam ensinados a olhar para as suas sensações, para a sua memória e para a sua inteligência. Porque é que o professor, nas suas aulas, não falou da terceira componente?". Penso que ele responderia qualquer coisa do género: "Porque era prematuro. Olhar para a própria inteligência e para a dos outros não é fácil. É algo que se deve aprender na Universidade e nem sempre se consegue (como sabe, eu fui depois ensinar na Faculdade de Letras)". Eu diria: " Agora, quando leio um texto fundamental do Einstein, ou de algum outro grande físico, já não me interessa pela Física. O que me interessa é ver como é que aqueles sujeitos usaram a inteligência para chegar aquilo. Já descobri que a Estética tem um grande papel. Agradeço-lhe bastante por não me ter dado nenhuma aula de Estética dando-me tempo para descobrir a sua importância. E o mesmo para a Ética/Moral". Acho que ele diria: "Quanto à Estética, aquilo de que vocês gostavam era de jogar futebol. E quanto à Moral, eram muito solidários uns com os outros o que eu apreciava muito".

Convém lembrar os grandes professores porque, sem eles, os sistemas educativos arriscam-se a ser grandes máquinas burocráticas, bloqueadas por dentro pelos seus programas e avaliações internas, que perdem o sentido do que deviam e poderiam ser.

* Professor jubilado do IST

Livro no “plenário”

Três historiadores, João Madeira, Irene Pimentel e Luís Farinha, no decorrer dos seus trabalhos académicos recolheram algumas histórias de vida, que compuseram em livro. Intitula-se “Vítimas de Salazar – Estado Novo e Violência Política”, e vai ser lançado com a chancela da Esfera dos Livros, na quarta-feira, dia 7, às 18h30, na sala do Plenário do Tribunal da Boa-Hora. A apresentação da obra vai ser feita pelo antigo PR, Mário Soares, que foi, também ele, uma presença regular no “tribunais plenários” fascistas, como réu ou defensor dos presos políticos..

sobre o texto e não medi as consequências. De referir que o texto que transcreve, relativamente aos judeus me chocou profundamente e só agora é que me apercebi bem do seu teor.

Enfim, agradeço que seja complacente e me desculpe, assim como todos os elementos da lista.

Já enviei um e-mail a todos a pedir desculpas, que espero aceitem.

Um abraço,

Maria Guadalupe Magalhães

(...) reenvio um e-mail enviado pelo nosso companheiro Nuno Ramos de Almeida versando o mesmo tema (Concurso da RTP) e que não suscitou quaisquer reacções na altura [o de 20 de Janeiro, que abre esta lenga-lenga de bons malandrinhos].

Talvez porque coloca o problema sob uma óptica diferente e ainda porque, concorde-se ou não com a lixeira ou não lixeira do dito programa, a verdade é que o perigo de Salazar ganhar é um facto e, como facto que é, obviamente não deixa indiferente ninguém e incomoda seriamente os democratas deste país.

Mais, acredito mesmo que é uma provocação, uma afronta, aos resistentes e à memória da resistência do nosso país.

Como activista de uma causa que luta pela preservação da Memória da Resistência à ditadura de Salazar, incomoda-me que esse homem que nos oprimiu e violentou durante quase meio século, venha a ser o vencedor de um concurso popular realizado em Portugal, e apontado como o Grande Português de todos os tempos!!!

Não acham que é humilhante ?!!!

Sentir-me-ei extremamente envergonhada.

Estranha sociedade esta, a portuguesa.

Pensem bem.

Um grande abraço para todos da

Júlia Coutinho

Concordo plenamente com a Júlia.

Eventualmente a minha precipitação em ter enviado um e-mail tão desastroso, teve a sua origem no facto de ter recebido esta mensagem do Nuno Ramos de Almeida e ter concordado que é ignóbil se ganhar o Salazar, apesar de ser um concurso medíocre etc. etc. Não sei o que se deve fazer, mas mesmo assim acho que este movimento tem que fazer alguma coisa para que tal não aconteça.

Um abraço, Guadalupe

Apoiado Daniel. De facto este movimento nada mais tem a fazer do que perder tempo e fazer perder tempo, por causas relacionadas com lixo televisivo? É lamentável.

Manuel Torres

Olá a todos,

De facto, fico surpreendido com toda esta discussão à volta de um simples programa de televisão que ainda por cima é de uma mediocridade atroz.

Não votei nem votarei em nenhuma personagem pelo facto de não querer legitimar algo que é para mim completamente absurdo.

Considero que este Movimento, e por acréscimo esta lista, terá assuntos bem mais importantes para reflectir e discutir.

Cumprimentos
Nuno Carvalho

Boa tarde

Sei que estou a acrescentar ruído, mas é impossível manter o silêncio, não haverá mais que fazer do que debater quem ganha: se o Salazar ou o Eusébio, num programa de televisão medíocre e de medíocres?

Nestes casos voto sempre no Benfica!!

até mais

Luís Borges Correia

Caríssimos

Embora não tenha participado fisicamente no último ano de actividades do nosso movimento, tenho permanentemente acompanhado de longe.

A semelhança do já expresso pelo Daniel Blaufuks, acho que o teor desta mensagem acerca da memória do Aristides Sousa Mendes e do alegado "lóbi judeu" um despropósito para o Movimento e para a coesão das tarefas que todos estamos empenhados em desenvolver. Abraços

Luís Silva Reis

O teor dos textos enviados para a lista Todos@MaisMemória não é previamente filtrado em busca de conteúdos impróprios. O conteúdo das mensagens é da exclusiva responsabilidade dos autores.

A opção do Movimento, debatida em plenário há já bastante tempo, tem sido incentivar a auto-moderação do debate.

Continuo a acreditar que é possível que esta lista continue a funcionar desta forma. Afinal, os activistas do Movimento sabem que esta lista serve exclusivamente para a divulgação de eventos/debate de assuntos que visem a salvaguarda da memória da resistência ao aparato repressor fascista que caracterizou o salazarismo e a ditadura militar.

(...)

Saudações cívicas,
Rui Ferreira

Olá,

Acho que o Movimento *Não Apaguem a Memória!* tem, a partir daqui, do concurso dos Grandes Portugueses, uma boa oportunidade para problematizar as questões da memória de uma forma importante. Na verdade, o concurso reclama estar a fazer um serviço público em prol da memória. E, assim por assim, se aceitarmos que "serviço público" é "serviço nacional", a tese é de uma verdade iniludível.

Resta então saber se aceitamos que serviço público é serviço nacional e que tipo de memória pretendemos

nós construir. Sobretudo o dito programa coloca duas questões que não são completamente alheias ao discurso memorialista do Movimento

1. Achamos que a história se resume a 10 "grandes homens" – curiosamente, todos homens, todos "políticos", "estadistas" ou "poetas" – ou queremos caminhar por outra via?

2. Achamos que interessa promover a ideia de uma "História de Portugal" ou queremos seguir por outra via. Estas questões são centrais para o Movimento. Senão vejamos:

1. Em relação aos "grandes homens". Podemos fugir à questão do "culto da personalidade" em geral, mesmo que seja a personalidade dos dirigentes antifascistas? Ou devemos – em alternativa? em complemento? – procurar uma história oral dos que resistiram ao fascismo?

2. Em relação à "história de Portugal".

Podemos legitimar a ideia de uma "História de Portugal" e tomá-la acriticamente? Ou devemos, desde logo, procurar situar o nosso Movimento em relação directa com aquilo que foi, igualmente, a luta anti-colonial? Acho que uma das tarefas do Movimento poderia ser lançar um movimento amplo de "história oral" sobre o tempo da ditadura. Com uma formação-base em História Oral que fosse dada por alguém, com o apoio de um ou outro centro de estudos, muitos de nós, por todo o país e alhures, poderíamos dedicar-nos a essa tarefa. Entre os que aqui estão há muitos jornalistas, historiadores, bons conversadores e outros com vontade de o passarem a ser ao fim-de-semana.

PS - Estas perguntas e esta proposta não visam "fugir" ao debate sobre o concurso e o que lhe fazer. visam sim não ficarmos reféns do concurso. O que fazer com o voto que nos dão é um problema político interessante e provavelmente, atendendo ao ritmo crescente do concurso, bastante importante. Eu tendo a não votar para não legitimar a lógica do concurso mas o mesmo levar-me-ia a não votar nas eleições em geral (se calhar é isso...). Votando (e já o fiz) não tive dúvidas em quem: Álvaro Cunhal.

Caríssim@s,

Parece-me que um movimento como este deve tentar entrar no debate das ideias e na disputa do que é a memória histórica. Isso implica combater o branqueamento do fascismo, seja ele feito por catedráticos ou por programas de televisão. Apenas admitir discutir de cátedra para públicos esclarecidos, é um passo certo para uma acção irrisória. Contestese o programa e os seus defeitos, ponha-se em causa a democracia por chamada de valor acrescentado, mas não se ignore aquilo que existe e é divulgado na nossa sociedade. A história faz-se e refaz-se por muitos meios e aqueles que "controlam" o passado fazem em grande parte o nosso futuro. O branqueamento do salazarismo que é feito neste processo e que resulta de uma eventual vitória de Salazar neste concurso, não nos pode deixar indiferentes.

Pode ser que não haja, entre nós, um candidato único dos anti-fascistas (não gosto do conceito "portugueses honrados"), mas isso não nos deve impedir de pensar um processo de contestação e oposição a uma vitória encapotada de um salazarismo *new-age*.

Abraços,
Nuno Ramos de Almeida

Olá,

Eu concordo com o Nuno Tito quando diz que se deve fazer alguma coisa em relação ao programa. E que não seja ignorá-lo. O programa pode não ser sério, pode ser terreno minado, mas é mil por cento mais decisivo para a construção da memória social que todas as teses de doutoramento feitas em História. E por isso deve ser discutido o que fazer com a coisa. Se votar em alguém, se tentar deslegitimar a coisa, se o que for. um abraço
Zé Neves

Olhem e eu que estava com tanta vontade já tenho muito pouca...

Acho várias coisas... até porque parece estar na moda neste Movimento achar...

Acho que o Movimento não se organiza de modo a ser consequente nos seus objectivos.

Acho que as pessoas que se dedicam ao Movimento, se dedicam a muito mais coisas fora do Movimento e o contaminam com isso mesmo e só a parte da contaminação me faz comichão.

Acho que é um Movimento com objectivos específicos e todos os outros objectivos pessoais de intervenção social devem ser direccionados para os movimentos sociais diversos que já existem na sociedade ou então que se criem os que fazem falta ainda.

Acho que as pessoas que participam do Movimento devem pensar para elas próprias da validade dos objectivos do próprio Movimento e da parte do seu tempo que dedicam ao mesmo e aos objectivos do mesmo.

Acho que devem destrinçar de entre o tempo próprio que dedicam ao activismo social aquele que realmente dedicam ao MCNAM.

Acho que o Movimento necessita de menos grupos e mais plenários, com o risco de se tal não acontecer não existir consequência nas acções, não existir agregação suficiente e existir muito esforço esforçado.

Acho que o Movimento necessita de um claro plano de trabalhos e de uma priorização clara das suas acções e objectivos.

Enfim acho que a lista de discussão e sendo a única que existe não deve ser contaminada por questões que não dizem respeito à acção do Movimento. Existem inúmeras listas de discussão na Internet para discutir os assuntos que passam pela sociedade. Ou então crie-se uma específica para o trabalho específico do Movimento. Este não é, para mim, um Movimento qualquer de intervenção social, tem

objectivos específicos. Foi por isso que me aproximei.

A contrário, se o mesmo é um grupo de reflexão sobre os problemas da sociedade, não me interessa.

(...)

Paulo Martins

Caros Senhores,

É certo que ainda estou na antecâmara do vosso Movimento, mas desencanta-me já tanta quezília e lamúria, porque sempre pensei que o vosso intuito era precisamente segurar a História, ou seja não deixar cair as várias fases, do fascismo até ao 25 de Abril. Depois o programa que tanto referem, revela sintomas que só reforçam a necessidade do vosso Movimento. Qualquer democracia está sujeita ao ressurgimento de ditaduras, de direita ou de esquerda, parece-me. (...)

Com as melhores saudações,

Ana Maria Vieira

É a primeira vez que alimento a polémica, mas desculpem-me os mais "puros" deste Movimento pois tenho que fazer três perguntas:

Para que "Serve" o Movimento não Apaguem a Memória?

Para além de muitas outras importantes iniciativas não é, também, para honrar a memória dos que resistiram aos terrores e horrores do Salazarismo e que com a sua luta sofreram longos anos nas prisões e torturas às mãos dos esbirros da PIDE a mando de Salazar? Eu também sofri "qualquer coisinha".

Queremos permitir que a RTP faça o "Serviço Público" de difundir com grande aparato para o País e para todo o mundo através da RTP África e RTPI a apologia do atrás citado ditador?

Não necessito de qualquer resposta ou de justificações sobre a validade do concurso. Sei muito bem quais são as consequências se o Salazar for considerado como "o maior português de sempre".

Eu tenho vergonha dessa decisão, por isso votei em Álvaro Cunhal.

António Caleço

Uma merda de programa pode ter um cagalhão como vencedor...

Abraço do Zé Dalmeida [ver cartoon]

Caros amigos

Já chega!!!!

Vamos tratar dos assuntos para que o Movimento foi criado. Atenção ao nível dos debates. Agradeço que não me enviem mais e-mail sobre este assunto.

Um abraço

Paula Cabeçadas

Acho que o Paulo Martins tocou no ponto fulcral e só digo mais uma coisa que penso que reitera o que ele diz aqui e também o que eu hoje já disse antes, embora um pouco desajeitadamente:

- Há certas discussões e bate-papos que se devem

fazer com os nossos círculos de amigos pessoais, não numa lista destas.

Saudações cordiais

Manuel Torres

Caros amigos:

Deixemos a censura para quem tem vocação para isso - os grandes e pequenos ditadores - e reconheçamos que nada nos aproxima mais do acerto do que a polémica - tanto mais que é livre de entrar nela quem quer. Que tipo de incómodo poderá causar a um grupo como este, uma discussão como esta? Não vivemos numa sociedade inócua nem é inócua o programa em causa. Quanto à minha sugestão de desvalorizar o significado do programa, creio que ela corresponde à realidade que temos sob observação mas não pretende desmobilizar ninguém de contrapor activamente uma votação contra Salazar. Desvalorizar, na minha intenção, é afirmar que não tem valor. E isso poderá ser afirmado sem prejuízo de uma participação na votação. Mais: se A. Cunhal tiver o maior número de votos, será a própria comunicação social a desvalorizar o resultado. Se isto vai criar oportunidade para um melhor esclarecimento do que foi o papel da ditadura na nossa História, é o que vamos saber. A sugestão de canalizar agora a votação anti-Salazar para Afonso Henriques parece-me muito inoportuna, com respeito pela intenção de quem a propõe. Ela iria retirar força ao único nome que representa uma ameaça à designação de Salazar. As circunstâncias fizeram que esse nome fosse o de A. Cunhal e isso tem pelo menos um valor simbólico - a condenação do fascismo, num contexto em que alguns aceitam reabilitá-lo. Em última análise, que não fique ao menos a ideia de que alguém pode lavar as mãos deste processo, a começar pela RTP. Esse lavar de mãos foi o que mais me enojou no tempo de Salazar e Caetano - e o que mais me enoja hoje no tempo do neo-liberalismo. Tenhamos consciência de que todos somos responsáveis por tudo. E que o silêncio não lava as consciências - geralmente compromete-as. É a minha opinião. Com muita estima,

António Marques Pinto

Malta

tenho seguido a polémica sobre o tal "Bom português". Já o Brecht recordava que se fala dos Reis , das muralhas das grandes cidades...mas ninguém fala dos operários que as construíram... Como diria o Guterres, é a vida ! Para não acrescentar ideias que já foram repetidas, devo dizer que estou totalmente de acordo com a mensagem do Marques Pinto.

Abraços Hélder Costa

Olá,

Se eu não me engano, acho que está em curso uma batalha pela memória. Não é das coisas que eu ache mais importantes no mundo. Mas acho que é tão só a razão de ser deste Movimento. Essa batalha acho eu

que tem duas dimensões. Que acho que não são destrincháveis mas que acho mais fácil serem colocadas separadamente. E acho que o justamente malfadado por forma/conteúdo ainda pode servir para isto.

Assim sendo:

Acho que uma dimensão da memória tem que ver com a forma da memória (se centrada nos grandes homens, se constringida à esfera política, etc.). A outra acho que tem que ver com o conteúdo da memória (se ganha o Salazar, se ganha o Zé do Telhado, se devemos ter um discurso moralista em prol da democracia portuguesa contra a ditadura de direita ou contra a ditadura de esquerda que nunca existiu por cá, etc.).

Acho que isto deve ser ponderado quando se pensa no discurso político do Movimento. E que o próprio Movimento deve pensar em conseguir ele mesmo construir memória. Votando no Afonso Henriques é uma hipótese respeitável; eu votei no Cunhal e disse que achava um debate importante saber se se responde melhor ao programa da TV ignorando-o, criticando-o ou nele intervindo. Mas sobretudo avancei uma proposta que ia no sentido de se pensar em fazer um projecto de história oral a partir das gentes do movimento.

Agora sem "achos": Bem sei que posso fazer tudo isto em nome individual ou no meu círculo de amigos e contaminar as outras áreas da minha vida social, blá, blá, blá. Mas, segundo creio, isto aqui que nos reúne não é um Clube mas sim um Movimento. O que raio é que tudo isto que eu disse, bem como todos os e-mail que se pronunciaram em torno destas questões, não tem que ver com um Movimento Não Apaguem a Memória? O que tem que ver então com o Movimento? O tamanho do busto do Lenine encontrado no Pólo Norte? Ou com se escreve memória em sueco? Ou a dimensão da placa a agrafar no condomínio da PIDE? um abraço

Zé Neves

Caro Zé,

Todas as discussões sobre a Memória são válidas para o Movimento. Evidentemente, como deves calcular, não nos interessará discutir o tamanho dos bustos do Lenine, sejam no Pólo Norte ou em Freixo de Espada à Cinta. A discussão havida até agora tem razão de ser. O que também tem, na minha modesta opinião, é, no mínimo, que essa discussão se faça com o nível que o Movimento deve ter. *Mails* como os enviados pelo *magaze* só servem para que as pessoas peçam para que o seu nome seja retirado da nossa lista de discussão. E o que interessa é que a discussão se faça.

Um abraço

Paula Cabeçadas

Afinal ainda temos todos um bocadinho do Portugal de Salazar!

O que mais me surpreende nesta discussão não é o

programa em si, as sugestões de votações, mas sim o número de pessoas que saiu do Movimento, ameaça sair, pede para retirar o seu e-mail da lista. Faço um apelo a estas pessoas para que reconsiderem. Fomos educados durante 40 anos a tratar da nossa vida, modesta, familiar, "a minha política é o trabalho". Mas nos últimos 30 anos, embora sem o Secretariado oficial de propaganda, fomos ensinados que o conflito deve evitar-se, "não discuto política nem religião". As organizações políticas e os movimentos sociais estão minados desta ideologia que, em nome do consenso, cria movimentos hiper centralizados, sem militantes de coisa nenhuma.

(...)

Uma organização que não discute livremente os seus princípios não deixa de ter princípios, passa é a ter aqueles que são definidos exclusivamente pela sua direcção. Uma organização é um grupo de gente e gente junta significa ideias diferentes que não desaparecem por se deixar de discuti-las. Arrisco a dizer que o problema da memória é também um problema da democracia em que vivemos, que pretende apagar da memória das pessoas a existência do conflito. Porque quem começa por apagar o conflito individual acaba escondendo o conflito social, ou seja, a luta de classes.

E é de luta de classes que em última análise falamos. É de uma televisão que é de facto, e de forma cada vez menos escamoteada, um órgão de propaganda de uma classe, a burguesia portuguesa, que quer apagar da memória colectiva um facto essencial: quem dirigiu o salazarismo foi a mesma classe que nos dirige agora a nós.

Eu por mim não votarei (...) Mas estou absolutamente disposta para uma manifestação em frente à mesma RTP a denunciar o conteúdo burguês e nacionalista daquele programa. Um abraço

Raquel Varela (trotskista)

Sou dos que "até gostam" desta discussão sobre o horror que é a eventual vitória do Botas nesta votação da RTP, a pagar. Claro que é uma vergonha nacional mas enfim. Há/houve outras vergonhas na História nacional, que permanecem vivas: o fascismo propriamente dito (cuja memória nos move e que notoriamente levanta a cabeça nesta campanha do referendo), um fascismo de inspiração e protecção cristãs. Estive a ler há dias o jornal Novidades, propriedade e tutela da hierarquia da Igreja Católica, em Abril/Maio/Junho de 1958, antes durante e depois da campanha do Delgado, e fiquei estupefacto: como é possível que tenhamos deixado passar a esponja sobre aquilo tudo?

Repetindo, há pior do que a vitória dos saudosistas do "regime anterior", numa votação paga, armada pelos três RRR (os quais, como se sabe, se opõem aos três DDD, desde o 25 de Abril): regresso da PIDE, reconquista de Angola e ressurreição de Salazar. Vitória

Que vai provocar um choque, aqui e lá fora, e isso vai ser divertido.

Que vai envergonhar quantos exigiram, promoveram e publicitaram a inclusão do ditador e esta votação infame.

(...)

Deixem ganhar o Salazar – é para isso que cá estamos nós, que vivemos aquilo e temos memória.

O voto útil no Cunhal, neste contexto, meus camaradas, seria... pior a emenda do que o soneto.

ab

José Teles

Olá Zé Nuno

Parece que tens de fazer o mesmo para a Isabel Braga [que também pediu para ser retirada da lista tod@s], mas penso que temos de analisar esta questão dos assuntos que são postos em discussão (...)

Temos de conseguir que participem nas nossas actividades e nos plenários, talvez assim consigam relativizar melhor estas "actualidades" que nos invadem do exterior e que nos podem desgastar e dividir, se não soubermos dar prioridade ao que efectivamente estamos a fazer com vista a objectivos concretos.

(...) um abraço

Martins Guerreiro

[Car@s Amig@s,](#)

Se eu pudesse falar de Abril

Diria "Abril distante"...

Se eu pudesse falar da Ditadura e do Fascismo (e dos seus mais fiéis intérpretes)

Diria "como estão por aí tão presentes e renascidos".

Como ainda (directa ou indirectamente) nos dividem , nos enfraquecem, nos querem liquidar...

Mas cuidado, apesar de tudo, comparar o hoje com o ontem de há 33 anos, comparar o mal-estar e os resquícios do antigamente que hoje nos assustam e assaltam , com a tenebrosa noite de 48 anos de escuridão, será um branqueamento da Ditadura Fascista e uma possível ingénua atitude de "apagar a memória"...o que nós não queremos... enquanto

Movimento Cívico... Não Apaguem a Memória!

Não apaguem a memória do que se sofreu, do que sofremos, do que sofreram os combatentes pela Liberdade... dos locais mais significativos e marcantes da brutalidade repressora e opressora. Isso sabemos.

O nosso Movimento tem uma "carta de intenções" que expressa objectivos claros (que alguns poderão distorcer ou outros poderão servir-se, para fins inconfessáveis... que fazer? Não há saúde sem doença e nem doença sem saúde)... *objectivos que dificilmente, qualquer cidadão ou partido político que abracem a Democracia e o Estado de Direito (mesmo com as características e qualidade dos que vivemos), poderão rejeitar. O Movimento sendo pela Memória do combate ao Fascismo e à Ditadura nunca, estamos certos, matará nenhuma memória desses heróis combatentes e dos locais mais significativos onde se travaram lutas anti-fascistas ,algumas até à morte. Se alguém se julga no único*

juiz desta causa resta convence-lo que não terá razão...será assim tão impossível?! Difícil é...

Mas não esqueçamos verdadeiramente os combatentes que sofreram, que lutaram, que morreram...

Em sua MEMÓRIA vai o apelo, sem paternalismo: "*De tudo o que Abril abriu / ainda pouco se disse / e só nos faltava agora / que este Abril não se cumprisse*" (citando o saudoso Ary dos Santos).

Em sua MEMÓRIA haja mais capacidade de diálogo e de tolerância pelos que à partida estão do mesmo lado, com ideologia própria ou sem ela (o que nos dias de hoje, convenhamos, será difícil). Mas que isso não seja razão de afastamento por uma causa. Ninguém está "órfão", deixemos que "o rio corra mesmo se ele não é o rio Tejo ... é apenas o da nossa aldeia, da aldeia de cada um" (cit. F. Pessoa) mesmo com pequenos riachos de esperança !

Juntos ela será maior e a luta pelas boas causas também.

Por isso eu Voto na vitalização do nosso Movimento independentemente de outros votos a que sou civicamente obrigado a fazer todos os dias quando decido em tanta coisa..."tal como não ir por ali".

Saudações. Abril Sempre.

Manuel Duran Clemente.

1 Fev. 07

[Car@s Amig@s](mailto:Car@sAmig@s),

QUERO ESCLARECER QUE A MINHA MENSAGEM ANTERIOR NADA TEM A VER COM O VOTO NO REFERENDO (**AÍ ESTOU NA PLATAFORMA DO SIM... SEM HESITAÇÕES**) MAS SIM NA POLÉMICA GERADA NESTE "SITE" À VOLTA **DOS VOTOS DO BIZARRO CONCURSO DA RTP** E NO QUE ME PARECEU DE PERTURBAÇÃO CAUSADA NALGUNS DOS NOSSOS COMPANHEIROS DO MOVIMENTO !
SAUDAÇÕES

Manuel Duran Clemente

Isto começa a tornar-se, no mínimo, ridículo. Como é que numa *mail-list* de um movimento, cujo objecto social é preservar a memória colectiva do povo português relativamente às atrocidades cometidas pelo regime fascista que aprisionou o país durante mais de quatro décadas, circulam *mails* com "poemas" e slogans pró-aborto? O que me interessa a mim, a opinião da Emília Cerqueira e do Manuel Clemente sobre o aborto? É claro que podem (e devem) ter a opinião que quiserem sobre este assunto. Mas o que é que isso me interessa a mim?, que sou membro deste Movimento porque penso ser importante que não se branqueie o passado, como alguns querem fazer.

Por maior que seja a nossa necessidade de protagonismo ou de fazer ouvir a nossa opinião, creio que devemos, antes de mais, ter um mínimo de bom senso.

Gonçalo Nuno Martins

Ninguém está só... o fascismo é quotidiano e é bem visível.

Lutar pelo não branqueamento do passado é também lutar hoje pela liberdade de opinião e de decisão.

Emília Cerqueira

Meu caro Amigo, se me permite...

Primeiro: já não preciso de protagonismo para nada...você não me conhece e não aceita o pedido de tolerância e de capacidade de diálogo que fiz na mensagem anterior que nada tinha a ver com o aborto(IVG /referendo)

Segundo: qualquer um de nós tem direito a pronunciar-se exactamente sobre o nosso Movimento, com a prosa ou a poesia que entender.

Terceiro: apenas depois de ter escrito a minha mensagem, que você pode e deve mandar para o lixo, reparei que havia outra questão bem mais significativa do que a história dos votos na RTP sobre a dita "personagem mais importante da História portuguesa" (uma patetice, como outras, que deu à luz na nossa TV pública).

Quarto. Como se estava a gerar mal-estar e polémica azeda entre alguns de nós(neste fórum), sobre os votos neste ou naquele personagem(incluindo o sinistro Salazar... tão culpado disto tudo e até destas alegações) resolvi escrever o que escrevi com o título: EU CÁ VOTO NA VITALIZAÇÃO DO NOSSO MOVIMENTO .

Dei-me conta que poderia haver confusão entre o que tinha opinado (com poesia e tudo...da qual só gosta quem quer e você não é obrigado a gostar nem a entender) quando li o belo poema que a Emília Cerqueira nos enviou e que, pelos vistos, por azar seu me aparece nas mensagens logo a seguir ao que eu tinha expressado.

Quinto: pensei :ainda vão supor, os mais distraídos, que me estou a referir ao voto no Referendo. Assim é perfeitamente justificado o meu esclarecimento e nada vejo de errado que confesse qual a minha opção pela questão da IVG mal recebi o e-mail da E. Cerqueira

Como vê tem aqui uma explicação longe da sua acusação de protagonismo e insensatez. É a minha vez de lhe chamar "precipitado" e pensar outras coisas.

Sexto: O seu texto reflecte exactamente a impaciência que por aí reina e a falta de consideração subjacente à opinião alheia... será daqueles intelectuais já tão maduros e sabedores que passou de soslaio pela faculdade cognoscitiva... que só a vida nos vai temperando?! Não sabe ainda o que lhe falta saber e julga já saber tudo ou muito ????? Mas porque é que me havia a mim de interessar que você soubesse qual era a minha opinião sobre o aborto... ou que o mundo soubesse... se não passo dum simples idealista que um dia, à custa do que aprendeu e apreendeu, com as violências da Ditadura do Fascismo (onde nem sequer aos jovens era permitido namorar ... às claras e a IVG era miragem...) resolveu com outros idealistas dar uma "sapatada" nisto...e que

deu Abril.

Quando concorri a candidato a vereador para a C.M. de Lisboa nas listas da coligação PS/PCP houve dois ilustres senhores que nos seus jornais (M. Sousa Tavares e J.A. Saraiva) apregoaram "mas que nos interessa a nós a opinião de Vasco Lourenço e de Duran Clemente...". Você não o deve ter feito, estou certo, como o mesmo azedume e intenção... mas seja lá quem for, novo ou velho....acredite, magoou-me. Acho(ainda que não lhe interesse) que não o deveria ter feito sem antes ter recorrido à sensatez que reclama para os outros.

Você já percebi, acha isto ridículo, pretensioso, insensato.

Acha que a questão do aborto não tem a ver com a "memória deste povo e doutros"?

A mim interessa-ma a sua opinião. Não sei se o conheço.

Mas interessa-me.

Bocejo por sectarismos ... sejam vermelhos, amarelos, verdes ou cinzentos.

Receio que uma onda passageira o tenha apanhado na areia.

Cumprimentos... e explique-me melhor quem é... para um possível abraço de entendimento.

Manuel Duran Clemente

Olá todos,

Sendo eu um jovem nascido no ano de 1974 penso que a vitória do Botas, neste concurso que vale o que vale e que não deve ser desprezado, seria mais uma vergonha nacional, a juntar a eleição das Felgueiras, Valentins, etc. que houve em 2005. Não há dúvida que somos peritos em passar esponjas sobre assuntos importantes como foi o caso do fascismo, bem como somos mestres no nacional-porreirismo em relação ao segundo ponto. E este o país que temos e que deveríamos mudar para bem das futuras gerações, incluindo a minha, que esta a chegar ao activo.

Penso que dos 10 nomes que estão em discussão, nem Salazar, nem Cunhal (outro belo ditador, que caso tivesse sido eleito, como afirmou a recente falecida repórter italiana, em 1975 "que Portugal não estava preparado para a Democracia e que não haveria eleições..." e que não fosse o centro político, hoje estávamos numa situação bem bonita...) deviam estar aqui. Quanto muito o Soares, com os erros tremendos na descolonização poderia estar neste palanque. Assim, caso o Botas ganhe eu decretava luto nacional de um dia, para todos os membros do Movimento e da liberdade.

Bja e Abraços a todos.

Paulo Maio

Olá,

Não quero reincidir na discussão, mas quero comentar uma velha pérola da desinformação. A pseudo declaração de Cunhal na entrevista a Oriana Falacci foi sempre desmentida pelo próprio e por testemunhas da entrevista, salvo erro Domingo Lopes, que na altura era secretário de Cunhal. Pelo

percurso político e jornalístico de Oriana Falacci, que no fim da sua vida comparou o Fórum Social Europeu de Florença à marcha dos fascistas de Mussolini e fez um apelo no "Corriere de la Sera" para que os habitantes de Florença impedissem que essa "horda de selvagens violasse a cidade", eu não tenho dúvidas em considerar que a senhora não devia muito à verdade. Abraços,
Nuno Tito Ramos de Almeida

Completamente de acordo, caro Gonçalo Nuno.
Não o conheço, mas li-o, e acho que expressou com toda a clareza e concisão os objectivos deste Movimento e as preocupações de alguns de nós que estamos nesta lista.

Sem mais

Saudações cordiais Manuel Torres